

Alegria negra é guerreira: o dia que a Unicamp aprovou as cotas

RAFAELA KENNEDY

Associação Ateliê TransMoras | Campinas, SP, Brasil

rafakennedy@gmail.com

BRUNO NZINGA RIBEIRO 

Universidade Estadual de Campinas | Campinas, SP, Brasil

brunonzingaribeiro@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i2pe203641

Introdução

A Universidade Estadual de Campinas tem passado por grandes transformações nos últimos anos — da democratização do acesso a estudantes negros e indígenas, do fortalecimento de coletividades com foco na vivência até as emergentes lutas das organizações de pessoas trans, pessoas com deficiência, quilombolas e refugiados. É neste contexto que a Moradia Estudantil e os movimentos sociais negro, trans e de cultura, presentes na Unicamp, se tornaram lócus de observação e criação de Rafaela Kennedy, como as marchas antirracistas, as edições do evento “Quem Tem Cor Age”, semanas de visibilidade trans e outros eventos dos movimentos sociais entre a Unicamp e a cidade de Campinas.

“A felicidade negra é guerreira! O dia que a Unicamp aprovou as cotas” é um ensaio composto por um conjunto de fotografias em preto e branco que acompanham o dia 30 de maio de 2017. Esta é a data de um dos momentos de maior inflexão da história da Unicamp. Após anos de intensa discussão sobre os melhores modelos de ação afirmativa, o conselho universitário da universidade votou favoravelmente à adesão aos princípios das cotas raciais e do vestibular indígena.

A discussão sobre as cotas na Unicamp ganhou folego com a atuação do Núcleo de Consciência Negra da Unicamp e da Frente Pró-Cotas da Unicamp em 2012. Estas duas organizações articularam os primeiros projetos de cotas nos programas de pós-graduação da Unicamp (primeira aprovação nos programas do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas em 2015) e atuaram em favor da centralização da pauta das cotas na greve estudantil e ocupação da reitoria em 2016, cujo tema era “Cotas, sim! Cortes, não! contra o golpe e pela educação. Permanência e ampliação!”.

As 12 fotografias selecionadas para este ensaio retratam diferentes momentos do dia 30 de maio de 2017, iniciando-se às 7 horas da manhã, quando uma multidão iniciava uma vigília em frente ao prédio do Conselho Universitário (no complexo de prédios da reitoria), passando pelas articulações no exterior da votação, até o cair da noite e a comemoração junto



e203641

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v31i2pe203641>

a quem defendia a pauta das cotas e do vestibular indígena no interior da câmara de deliberação do Conselho Universitário.

Portanto, as fotografias registram a presença de estudantes, políticos, trabalhadores e ativistas de movimentos sociais negros da universidade e da cidade de Campinas. Caravanas de estudantes indígenas da UFSCar, de militantes da Educafro de São Paulo e de inúmeros de estudantes secundaristas e de cursinhos populares da região metropolitana de Campinas vieram à Unicamp. No interior do Conselho Universitário, além dos conselheiros docentes, discentes e de servidores técnico-administrativos, estavam presentes representantes do Grupo de Trabalho que propôs as cotas, representantes do Núcleo da Consciência Negra da Unicamp e da Frente Pró-Cotas e alguns convidados em prol do vestibular indígena e das cotas raciais e a imprensa, na antessala da câmara.

Pelas lentes de Rafaela, vemos a apreensão e a euforia a cada fala transmitida pelos dois telões instalados em frente à reitoria. As fotografias também recuperam momentos mais sutis de mobilização dos grupos pró-cotas e dos movimentos estudantis, dirigindo uma assembleia contínua que regia uníssona às falas do Conselho, com vaias, aplausos ou frases que ecoavam com nitidez na câmara de deliberação. Ao final, acompanhamos a celebração negra, uma alegria guerreira pela aprovação das cotas raciais e do vestibular indígena na Unicamp. É com fotografias em preto e branco que Kennedy compôs parte importante da iconografia da luta negra na universidade.

sobre a autora e o autor **Rafaela Kennedy**

Nasceu no Amazonas, em 1994 e atualmente vive em São Paulo. Desde que chegou à Campinas, em 2014, tem se dedicado à fotografia. Tem formação no SENAC Campinas, é diretora da Associação Ateliê Transmoras e foi artista residente da Casa Wabi, em Puerto Escondido, no México. Em suas obras, Kennedy procura desnaturalizar a não-presença de pessoas negras, indígenas e travestis, buscando memórias sensíveis de autonomia, em contraposição aos olhares de fetichização e violência. Suas obras ocupa as margens do fotojornalismo, dos retratos e das fabulações imagéticas.

Bruno Nzinga Ribeiro

É mestre em antropologia social e doutorando no PPGAS da Unicamp. Em 2015 foi membro da Frente-Pró-Cotas da Unicamp, entre 2014 e 2018 foi membro do Núcleo de Consciência Negra da Unicamp, em 2017 integrou o Conselho Universitário e foi um dos articuladores das mobilizações pelas cotas e o vestibular indígena. É conselheiro da Associação TransMoras.

Autoria: Rafaela Kennedy é responsável pelo registro e edição das fotografias. Bruno Nzinga Ribeiro é responsável pela seleção, curadoria e redação do ensaio.

Financiamento: A produção do ensaio não contou com financiamento.

Recebido em 19/09/2022.

Aprovado para publicação em 30/11/2022.



© Rafaela Kennedy, 2017;

Fotografia 1. O Sol há de brilhar.



Fotografia 2. Vigília.



© Rafaela Kennedy, 2017;

Fotografia 3. Concentração.



Fotografia 4. Xavante. Aptsiré Xavante, um dos estudantes que compunham a caravana de estudantes indígenas da Universidade Federal de São Carlos e atuante no debate do Vestibular Indígena.



© Rafaela Kennedy, 2017.

Fotografia 5. Articulação. Sidélia Silva, à época, militante do movimento de mulheres negras de Campinas e mestranda em Ciência Política na Unicamp.



Fotografia 6. Movimento. Em homenagem à Ingrid Sayuri (*in memoriam*), companheira de luta do centro da imagem, importante militante pró-cotas.



Fotografia 7. Mulheres negras em luta.



© Rafaela Kennedy, 2017.

Fotografia 8. Educação.



© Rafaela Kennedy, 2017;

Fotografia 9. De baixo pra cima.



Fotografia 10. Lembrar e nunca esquecer.



Fotografia 11. Vitória. À esquerda, Carmen Silva, líder da comunidade Menino Chorão, e, à direita, Mariléa de Almeida, professora e feminista negra.

© Rafaela Kennedy, 2017;



Fotografia 12. Alegria negra é guerreira.